Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Clarice Lispector revisitada por Itamar Vieira Junior: a questão social

Clarice Lispector revisited by Itamar Vieira Junior: the social issue

Thiago Cavalcante Jeronimo¹

RESUMO: O artigo que aqui se materializa tem como objetivo investigar de que forma o escritor Itamar Vieira Junior (1979) se vale do nome e da ficção da escritora Clarice Lispector (1920-1977) para construir dois de seus contos: “Asa negra arrastada na areia” (2020) e “Doramar ou A Odisseia” (2017). As produções de ambos os autores, examinadas pela perspectiva social, denunciam mazelas, criticando um sistema que subverte o diferente e o reduz em seu desenvolvimento e em suas ações. Entre as vozes que subsidiam esta leitura, no âmbito teórico e crítico, estão as de Mikahil Bakhtin, Berta Waldman e Yudith Rosenbaum.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Itamar Vieira Junior; Crítica Social; Literatura Comparada.

ABSTRACT: The article that materializes here aims to investigate how the writer Itamar Vieira Junior (1979) uses the name and the fiction of the writer Clarice Lispector (1920-1977) to build two of his short stories: “Asa negra arrastada na areia” (2020) and “Doramar ou A Odisseia” (2017). The productions of both authors, examined from a social perspective, denounce ills, criticizing a system that subverts the different and reduces it in its development and in its actions. Among the voices that support this reading, in the theoretical and critical scope, are Mikahil Bakhtin, Berta Waldman and Yudith Rosenbaum.

KEYWORDS: Clarice Lispector; Itamar Vieira Junior; Social Criticism; Comparative literature.

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro.
*Mikhail Bakhtin*²

Introdução

¹ Doutor e Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com pesquisas voltadas às obras de Elisa Lispector e de Clarice Lispector.

² BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 38.

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Muito se tem escrito acerca da produção de Clarice Lispector (1920-1977), desde os primeiros textos críticos, que surgiram seguidamente à publicação de seu romance de estreia, *Perto do coração selvagem* (1943). O caráter inovador desse romance, construído de forma fragmentada, não linear, despido de imposições de enredo, causou grande impacto no cenário literário brasileiro, conferindo à jovem escritora aclamação de importantes críticos nacionais, impactando e intrigando os especialistas de literatura. Na interpretação crítica de Antonio Candido, o primeiro romance de Clarice direcionou o fazer literário no Brasil a uma “atmosfera que se aproxima da grandeza”, isto porque a estreante escritora, segundo o ensaísta, “sentiu que existe uma certa densidade afetiva e intelectual que não é possível exprimir se não procur[armos] quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas, associações diferentes [...] mais fundamente sentidas” (CANDIDO, 1970, p. 128).

Considerada uma das escritoras mais instigantes e importantes do século XX, a autora de *A paixão segundo G. H.* (1964), dentre muitos aspectos inovadores, ocupa essa posição porque, em vez de narrar uma história marcada pelo exterior, faz uso da intensidade reflexiva para criar mundos ficcionais que repercutem certas mazelas e indagações do ser, em constante construto, por meio de um recurso até então pouco ou não de todo utilizado nas letras brasileiras: fluxo de consciência.

Se, por um lado, os modernistas Oswald de Andrade (1890-1954) e Mario de Andrade (1893-1945), com seus romances *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) e *Macunaíma* (1928), respectivamente, abrem espaço para um novo pensar a respeito da produção artística no Brasil, Clarice Lispector, “numa via acentuadamente sua”, abstém-se da passividade de temas ou construções lineares, escolhendo colocar na sua escrita “seriamente o problema do estilo e da expressão. Sobretudo desta” (CANDIDO, 1970, p. 128).

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Detentora de uma fortuna crítica abrangente e intensificada, especialmente a partir da década de 1990, Clarice Lispector é, sem dúvida, uma das escritoras de língua portuguesa mais conhecida e prestigiada no Brasil e no exterior. Dentre as possibilidades de reconhecimento que a obra da autora tem conquistado ao longo dos anos, tendo sua produção traduzida em mais de trinta países, em línguas como o hebraico, o japonês, o tcheco, dentre outras, selecionam-se para análises neste artigo dois contos do escritor Itamar Vieira Junior (1979), que dialogam com a pessoa e a obra de Lispector: “Asa negra arrastada na areia”, compilado no livro comemorativo ao centenário de nascimento de Lispector, *Feliz aniversário, Clarice* (2020), e “Doramar ou A Odisseia”, pertencente ao segundo livro de contos do autor, *A oração do carrasco* (2017)

Itamar Vieira Junior publicou os livros de contos *Dias*, em 2012, e o volume *A oração do carrasco*, lançado em 2017, este último foi vencedor do Prêmio Humberto de Campos da União Brasileira de Escritores; obteve o segundo lugar no Prêmio Bunkyo de Literatura e foi finalista do Prêmio Jabuti de conto. Aclamado pela crítica internacional e nacional, seu romance de estreia, *Torto Arado*, foi vencedor de importantes prêmios: em 2018, em Portugal, onde foi primeiramente publicado, o autor auferiu o Prêmio Leya; no Brasil, em 2020, a história que corporifica a (sobre)vivência de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, conquistou o Prêmio Jabuti de romance literário e o Prêmio Oceanos.

Diante da força poética de Itamar Vieira Junior, para *corpus* deste artigo, examina-se de que forma o escritor baiano se apropria do nome e da ficção de Clarice Lispector – que se autointitulava brasileira e pernambucana – para compor os contos supracitados. Percebe-se que o autor atualiza as narrativas “A menor mulher do mundo” e “Mineirinho”, conto e crônica de Clarice Lispector, respectivamente, além de dialogar com a entrevista que Lispector concedeu ao repórter Julio Lerner, veiculada pela TV

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Cultura, em fevereiro de 1977. Nesse veio, os contos de Vieira Junior, ao recuperarem aspectos da produção da ficcionista, leem os textos da autora, a partir de suas matrizes, sobretudo no que concernem ao aspecto social.

Sob essa perspectiva dialógica, “centro organizador de qualquer enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216), aponta-se que os textos analisados de Itamar Vieira Junior estão orientados pelo “já dito”³, apresentando uma resposta harmônica e atualizada do discurso social presente na produção de Lispector. Além do aspecto dialógico que marca os textos que são *corpus* deste ensaio, à luz, no caso, do Círculo de Mikhail Bakhtin, a fundamentação teórica privilegiará vozes abalizadas da crítica literária e da análise do discurso, a exemplo de Berta Waldman, Beth Brait, Evando Nascimento, Yudith Rosenbaum, dentre outros.

“A menor mulher do mundo” ou “Asa negra arrastada na areia”

Publicado em 1959, na revista *Senhor*, o conto “A menor mulher do mundo” foi recuperado por Clarice Lispector e inserido no volume *Laços de família*, lançado em 1960, pela editora Francisco Alves. O enredo dessa narrativa, em sua tensão social, atém-se à “viagem de conquista e de conhecimento de um europeu à África [...] pautada por seu desejo de dominação e devoração do outro” (WALDMAN, 2003, p. 63). Marcel Pretre – a personagem cientista que descobre nas matas do Congo Central “a menor mulher do mundo”, que ele a nomeará de Pequena Flor –, figura na narrativa como

³ Esclarece Bakhtin: “Todo o discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada. O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-a nela. Ao se constituir na atmosfera do “já dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo o diálogo vivo” (BAKHTIN, 2002, p. 89).

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

metáfora de uma busca que, ao se deparar com o diferente, se choca com a alteridade, catalogando-a, infelizmente, em subespécie.

A pigmeia descoberta pelo explorador Pretre, uma mulher de quarenta e cinco centímetros, “negra, madura, calada, [...] grávida” (LISPECTOR, 1998, p. 68), enfatiza um discurso pouco associado à autora de *A maçã no escuro*. (1961): o discurso social. Em texto nomeado “Literatura e justiça”, publicado no volume *A legião estrangeira*, em sua segunda seção, “Fundo de gaveta”, ciente da incompreensão crítica que a mantinha dissociada de uma literatura engajada com as mazelas sociais intrincadas ao Brasil, Clarice posiciona-se a rebater tais argumentativas:

Desde que me conheço o fato social teve em mim importância maior do que qualquer outro: em Recife os mocambos foram a primeira verdade para mim. Muito antes de sentir “arte”, senti a beleza profunda da luta. Mas é que tenho um modo simplório de me aproximar do fato social: eu queria era “fazer” alguma coisa, como se escrever não fosse fazer (LISPECTOR, 1999, p. 29)⁴.

Carlos Mendes de Sousa, ao analisar o conto “A menor mulher do mundo”, alinhando-o ao texto “Literatura e justiça”, acima assinalado, enfatiza a preocupação da autora em evidenciar

uma realidade em que *o outro* mais prontamente poderia ser captado e que, no Brasil, surgia como um facto gritante, impossível de se não ver. *Tratava-se da questão social*. Clarice Lispector havia marcado com muita precisão o seu território e, apesar de algumas vezes o seu nome aparecer catalogado como o de uma escritora “alienada”, prosseguia na formação de uma obra singular, definida primacialmente em função da figura de uma circularidade de tipo autista.

⁴ Olga Borelli sinaliza que “tudo o que se refere à questão social sempre esteve presente [na vida de Clarice Lispector]. Ela jamais conseguiu apagar da memória a imagem da miséria nordestina, ou melhor, a pobreza do Recife, principalmente a que até hoje se concentra nos mocambos dos mangues recifenses. Ela própria dizia que os problemas da justiça social despertavam nela um sentimento tão básico, tão essencial que não conseguia escrever sobre eles. Era algo óbvio. Não havia o que dizer. Bastava fazer...” (BORELLI, 1981, p. 53).

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Nos últimos anos [com a publicação de *A hora da estrela*] depara-se com uma necessidade sua de mostrar que nunca se distanciou dessas questões (SOUSA, 2012, p. 506, grifos nossos).

O intérprete chama a atenção para o direcionamento “autista” – intimista –, que tentou engessar a obra de Clarice Lispector apenas com esse enfoque, ocorrência que fez com que críticos menosprezassem o trabalho da autora, se comparado a obras de escritores considerados engajados, que retrataram a realidade gritante das diferentes classes sociais que tipificam o Brasil. A seu modo, contudo, registre-se que o conto “A menor mulher do mundo” clarifica o interesse exterior – a realidade social – na obra de Lispector, e a essa questão críticas sociais são acionadas pela ficcionista.⁵

Se comparado à intriga “A menor mulher do mundo”, “título aliterativo em que o nome de mulher ressoa em três emes iniciais” (NASCIMENTO, 2012, p. 151), o conto “Asa negra arrastada na areia”, de Itamar Vieira Junior, suscita parentesco com o conto supramencionado de Lispector – uma personagem de 68,2 centímetros de altura, nomeada de Jyoti Amge no trecho de Vieira Junior, é uma indiana conhecida mundialmente por sua atuação em um aclamado seriado televisivo, em sua quarta temporada, *Freak Show*, no qual o horror é peça central da produção: *American Horror History*.

Dos nove fragmentos-textuais que compõem o conto de Itamar, o quinto, em que se registra a narrativa acerca de Jyoti Amge, materializa-se em via oposta à narrativa central, “Asa negra arrastada pela areia”; isto é, se posto em linearidade, o conto acentua experiências de três gerações de mulheres da mesma família (além da empregada Fátima); contudo, ao apresentar a informação de que “Em 2019, a menor

⁵ Nádia Battella Gotlib, filiada às interpretações de Silviano Santiago no tocante ao romance *A hora da estrela*, indica que “a literatura de Clarice insurge-se contra a tradição do realismo histórico e do marxismo teórico [...], ao considerar o romance como literatura política a partir da revolução que se faz na própria linguagem” (GOTLIB, 2001, p. 316).

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

mulher do mundo é uma indiana nascida em 1993” (VIEIRA JUNIOR, 2020, p. 111), a narrativa fratura, aparentemente, seu objeto narrativo – acompanhar a genealogia das três mulheres e de Fátima – para se voltar ao texto primado de que é partícipe, ou seja, o conto de Clarice Lispector.

Se no volume *Laços de família* “têm-se então a história dessa que jamais terá um nome próprio, mas receberá pseudônimos condizentes com sua situação” (NASCIMENTO, 2012, p. 152), quer seja, a história da menor mulher do mundo, de 45 centímetros de altura, inominada, posta aos olhos do homem branco, explorador e colonizador; no conto de Vieira Junior, diferentemente, a pequena mulher é nomeada: “Se chama Jyoti Amge e passeou sobre os ombros de uma grande atriz” (VIEIRA JUNIOR, 2020, p. 111).

Jyoti Amge, conforme anunciado, tem a altura de 62,8 centímetros. Ocorrência reconhecida pelo *Guinness World Records*, sendo que, até o presente momento, a indiana detém o título de mulher mais baixa do mundo viva. Chama a atenção o adjetivo posto em oposição ao tamanho de Amge: “passeou sobre os ombros de uma *grande* atriz” (VIEIRA JUNIOR, 2020, p. 111, grifo nosso). A atriz que o texto sinaliza, mas não nomeia, é Jessica Lange. Artista estadunidense, vencedora de dois Oscars, três Emmys, um Tony, cinco Globos de Ouro e um SAG Award. Considerada uma das mais talentosas de sua geração, Lange contracenou com Amge no seriado mencionado, promovido pela rede americana Fox.

Em outra via interpretativa, o adjetivo “grande”, posto à definição da atriz, pode ser aludido, também, às concepções heterogêneas, normativas nas quais a humanidade se vê engessada. Nesse veio, a grandeza, se vista pela lente da ironia, isto é, pelo registro discursivo “que conta com a perspicácia do destinatário para concretizar-se como significação” (BRAIT, 2008, p. 17), marca especificidades da dimensão

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

preconceituosa a que classes de minorias se veem marginalizadas pela classe dominante-branca.

Embora constate o autor que, em algum momento da existência de cada indivíduo, “todos nós tivemos 62,8 centímetros, um dia; pode ter durado alguns dias, ou mesmo algumas horas, mas todos fomos diminutos por um tempo” (VIEIRA JUNIOR, 2020, p. 111), o fato de o homem comum se projetar em sua estatura, o faz desconsiderar o diferente com os olhos do espanto, do preconceito, do horror, da aberração.

Se, no conto de Clarice Lispector, Pequena Flor se apresenta reificada, ou seja, é animalizada e coisificada – “escura como um macaco” (LISPECTOR, 1998, p. 72), “parecia um cachorro” (LISPECTOR, 1998, p. 70), “o brinquedo da gente” (LISPECTOR, 1998, p. 71) –, Jyoti Amge, pessoa real, alvo de entretenimento televisivo, realocada, por sua vez, às letras de Itamar Vieira Junior, que recupera a notícia de sua participação no premiado seriado, tangencia o sensacionalismo e a dimensão do horror e da aberração como estratos acionados nas entrelinhas da narrativa. E, nesse ponto, dialoga com a narrativa de Clarice.

De acordo com Berta Waldman, a voz narrativa do texto de Lispector, irônica em sua construção, “vai ligando os comentários em torno da pigmeia, de modo a assinalar a recepção coletiva que a tem como uma *aberração*, um excesso da natureza,” (WALDMAN, 2003, p. 64, grifo nosso), fato que põe às claras “o preconceito racial inerente à cultura branca, que assinala uma posição hierarquicamente inferior aos negros, além, é claro, da superioridade da cultura europeia frente ao primitivismo africano” (WALDMAN, 2003, p. 64).

Por seu turno, a lente da aberração associa-se à veiculação da figura de Jyoti Amge no seriado televisivo, traduzido em português como “show de horrores”, que a escrita de Itamar Vieira Junior, em suas entrelinhas, não se isenta de indicar. O diálogo

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

em que o texto de Itamar se refere ao horror, à aberração como associação à pequena indiana, concretiza-se por intermédio de uma notícia de jornal. Marca-se, sobretudo, no registro ilustrativo que compõe a publicação que Ryan Murphy, criador do seriado *American Horror Story*, promoveu em seu perfil no *Twitter*, em 13 de agosto de 2014, conforme reprodução a seguir:

Foto: reprodução da Internet⁶

⁶

Disponível em:
<https://www.vanityfair.com/hollywood/2014/08/american-horror-story-freak-show-jessica-lange-first-look>
. Acesso em: 02 mar. 2021.

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

A foto acima alocada já não está disponível na conta oficial de Murphy, ocorrência que põe em questão, possivelmente, certa preocupação do diretor acerca da projeção que a ilustração possa ter despertado na rede social e nos meios de comunicações. No texto de Itamar Vieira Junior, resultante da notícia veiculada a respeito da aparição de Jyoti Amge, lê-se a seguinte indagação: “E de onde vem a surpresa de estar diante de uma pequena mulher, se todos nós um dia já tivemos um corpo semelhante?” (VIEIRA JUNIOR, 2020, p. 111).

Uma possível resposta à pergunta do autor ganha eco no texto que o contista aciona para dialogar com “Asa negra arrastada pela areia”, isto é, na abordagem social que Clarice Lispector tonifica em “A menor mulher do mundo”. A questão social, presente em “A menor mulher do mundo”,—faz-se manifestada no encontro de alteridades que se estranham, ou seja, no encontro do explorador francês Marcel Pretre, “caçador e homem do mundo” (LISPECTOR, 1998, p. 68), com a pequena africana. Tal incidente impele a narrativa de Lispector a remeter a uma experiência que Sigmund Freud chamou de “*Unheimliche*”, “que, como se sabe pelo conhecido ensaio de Freud, remete ao que já foi familiar e conhecido, tornando-se estranho por efeito de *repressão* e que retorna sob a forma do insólito” (ROSENBAUM, 2015, p. 149, grifo nosso). Nessa vertente, a repressão distendida àquilo que é diferente, – no caso de ambos os contos, àqueles que são menores, Pequena Flor, Joyti Amge –, projeta-se como recurso ficcional para questionar um esquema social de percepção que exclui e/ou reifica, torna animalesco, coisifica o diferente.

Evando Nascimento, ao analisar o conto “A menor mulher do mundo”, acentua a cultura dominante de Marcel Pretre frente à desconsideração de que, assim como ele, a mulher pigmeia, inominada, mas pelo explorador catalogada, é humana: “É isso que Marcel Pretre não pode entender: que ele e a outra são feitos do mesmo estofó, não se

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

prestando ela a um simples objeto de curiosidade científica, embora inúmeras vezes isso tenha ocorrido” (NASCIMENTO, 2012, p. 154).

Em Clarice, Pequena Flor apresenta-se à deriva de certa visão de domínio do homem branco, europeu, sobre a África, sobre a mulher, apreendendo-as como experimento científico – “a presença perturbadora da diferença, a crueldade e o lado selvagem do civilizado, dissimulado sob a polidez de uma prática científica” (WALDMAN, 2003, p. 63); em Itamar, a menção à indiana Amge recupera a polidez social em um discurso explicitamente marcado pela classificação do diferente como inferior: uma aberração. A própria sinopse do DVD comercial da série veicula essa ideia:

Seja bem-vindo ao mundo das aberrações em *American Horror Story: Freak Show*. [...]. Jessica Lange lidera um elenco premiado com Kathy Bates, Angela Basset, Sarah Paulson e Michael Chiklis [...] Entre as monstruosidades do grupo destacam-se: gêmeas siamesas telepatas de duas cabeças (Paulson), uma mulher barbada mandona (Bates), um homem forte e vulnerável (Chiklis), e sua atraente esposa de três seios (Basset). Mas o estranho aparecimento de uma entidade obscura ameaça a vida das aberrações e também dos cidadãos do vilarejo (DVD, SINOPSE).

A par das considerações aqui apresentadas, sublinhe-se que ambos os contos, “A menor mulher do mundo” e “Asa negra arrastada pela areia”, põem em questão a intenção etnocêntrica daqueles que tentam rasurar a diferença, afastando Pequena Flor e Jyoti Amge da espécie humana, desprezando a alteridade e alocando o diferente à catalogação da inferioridade, classificando-o, pois, como aberração.

Mineirinho ou Doramar ou a Odisseia

Anterior à homenagem literária prestada por Itamar Vieira Junior à Clarice Lispector, no volume “*Feliz aniversário, Clarice*” (2020), a obra do autor já registrava

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

diálogo com a produção de Lispector. Isto porque a narrativa “Doramar ou A Odisseia”, registrada no segundo livro de contos do autor, *A oração do carrasco* (2017), corrobora intertextualidade explícita com a pessoa Clarice Lispector e sua produção jornalística. Ou seja, o conto de Vieira Junior estrutura-se em diálogo com a crônica “Mineirinho”, publicada por Lispector, em 1962, e com falas da autora veiculadas na entrevista que ela concedeu à TV Cultura, em 1977.

A crônica nomeada “Mineirinho”, publicada primeiramente na revista *Senhor*, a mesma em que Clarice publicou o conto “A menor mulher do mundo”, explicita o caráter social atrelado à produção de Lispector. No texto jornalístico, a autora apresenta a morte de um assassino, José Miranda Rosa, de vinte e oito anos, conhecido no Rio de Janeiro pela alcunha que dá nome ao texto: Mineirinho.

Yudith Rosenbaum, ao analisar a maneira pela qual Clarice Lispector transpôs para suas letras o fato histórico acerca da morte de Mineirinho, acentua o caráter social e ético da cronista com as seguintes considerações:

o que a crônica deixa claro é que, antes mesmo dos treze tiros, o bandido já estava destruído, pisado e perdido como indivíduo. E é para resgatar o homem antes do doente do crime que o texto de Clarice existe. Sua alçada política é incontestável. Para reivindicar uma fala ética, que percebe a humanidade que nos impregna, que sabe que “nós todos, lama viva, somos escuros”, Clarice Lispector caminha regressivamente para o inumano, para o terreno primordial de onde o homem advém. E a partir dessa mirada regressiva e primal erige-se uma ética da compaixão (ROSENBAUM, 2010, p. 179).

Paralelamente à crônica de Lispector, o conto “Doramar ou A Odisseia”, de Vieira Junior, ao corporificar a vida de Doramar, personagem que dita a perspectiva da narrativa, acentua no tecido textual o relacionamento da empregada doméstica com Pito, jovem infrator que teve sua morte efetivada por policiais. A morte da personagem, por sua vez, convoca à narrativa frases de Clarice Lispector retiradas da entrevista que concedeu à TV Cultura, em 1º de fevereiro de 1977.

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Na célebre entrevista, único registro audiovisual conhecido da escritora até o momento, ao falar da crônica “Mineirinho”, importante texto da fase de Clarice como jornalista e que, infelizmente, não foi compilado no recém-volume *Todas as crônicas* (2018), Lispector relembra da morte “de um criminoso chamado Mineirinho que morreu com treze balas quando uma só bastava... e que era devoto de São Jorge e tinha uma namorada... (LISPECTOR *apud* LERNER, 2007, p. 25). Complementa a autora: “Qualquer que tivesse sido o crime dele uma bala bastava, o resto era vontade de matar. Era prepotência” (LISPECTOR *apud* LERNER, 2007, p. 25).

As frases acima curiosamente integram o conto de Itamar Vieira Junior, entre aspas, e com o seguinte desdobramento: “[Pito] foi jogado ao chão: ‘treze tiros, enquanto uma bala só bastava, o resto era prepotência, era vontade de matar’” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 142).

O conto de Itamar Vieira Junior, ao recuperar a fala de Clarice Lispector, explora o discurso “já amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações e por entonações” que se entrelaçam e se entrecruzam em interações complexas” (BAKHTIN, 2002, p. 86), isto é, um discurso que exige do seu leitor uma resposta responsiva, a fim de reforçar a orientação dialógica do que está sendo narrado. Nesse veio, a própria formatação do posicionamento pessoal de Clarice no conto de Itamar, com seu registro entre aspas, um “sinal a ser interpretado” (MAINGUENEAU; 2005, p. 160), sugere a ideia de polifonia, experiência dialógica que aproxima discursos e reconhece a presença de várias vozes em seu processo de construção.

Marca-se, ainda, que, no texto de Itamar, a voz de Clarice ganha o fluxo narrativo, e nele se faz sombra, e, de certa forma, personagem. Esse diálogo com o texto clariciano é explicitado pelo autor em nota apresentada ao término do seu livro: “O conto ‘Doramar ou A Odisseia’ faz uma breve referência à crônica ‘Mineirinho’, da

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

escritora Clarice Lispector, quando transcreve uma frase da própria autora dita em uma das raras entrevistas audiovisuais que concedeu” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 163-164).

O diálogo polifônico é outra vez estabelecido e explicitado. A entrevista de Clarice Lispector e a crônica “Mineirinho” ganham projeção na narrativa de Vieira Junior, dialogando com as mazelas sociais que, sinalizadas por Clarice nas décadas de 1960 e 1970, permanecem, infelizmente, arraigadas nos muitos brasis que, representativamente, erguem-se em denúncia nas narrativas de escritores contemporâneos, a exemplo do autor de *Torto arado*.

Doramar, namorada de Pito, o “mineirinho” reconfigurado na tessitura de Itamar, conforme indicado, é uma empregada doméstica. Assim como as mulheres de sua vizinhança, domésticas como ela, Doramar, que “via a favela crescer, as casas numerosas” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 130), trabalha na cidade alta. Embora não seja explicitado a Bahia como local de fala das personagens, há indícios de que a história se passa em Salvador: “para os moradores da cidade alta era a mulher que servia para limpar os vasos e preparar o jantar” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 133-134); “baiana e seu tabuleiro de acarajé” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 131), “Doramar [...] à espera de comer sua cocada” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 131), “uma loja no bairro do Comércio” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 138).

À abertura do conto de Itamar, a empregada doméstica Doramar, dirigindo-se ao seu trabalho, experencia o que em crítica literária se nomeou de epifania corrosiva, isto é, a paródia da epifania, a antiepifania: “Num canto escuro tremendo de dor, estava um cão encolhido em seu próprio corpo, com uma orelha despedaçada, a carne viva, pulsando dilacerada, e as moscas sobrevoando seu alimento” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 127-128).

Recorrendo ao conceito antiepifânico, Olga de Sá estabelece que “assim como existe [...] toda uma gama de epifanias da beleza e visão, existe também toda uma outra,

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

de epifanias críticas e corrosivas, epifanias do mole e das percepções decepcionantes” (SÁ, 2000, p. 200).

Se se considerar a imagem do cão, inicialmente aludida no segundo parágrafo do conto como passaporte à experiência corrosiva que Doramar vislumbrará, “a morte que a rondava” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 128), a metáfora canina, “imagem que a lançara para um encontro consigo” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 129), perpassará todo o fio da narrativa, e, ao final do conto, quando este passa a ser projetado na voz da própria personagem, isto é, em primeira pessoa, constata-se que “os latidos dos cães de orelhas putrefatas” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 144), a simbolizarem a morte, acompanharão a protagonista até o fim de seus dias.

O excerto a seguir, registrado por meio da voz de Doramar, apegado a sua memória, mapeia a corrosão que a personagem vivencia na narrativa alegórica no cachorro: “O cão me olha, a cabeça de um lado, a cabeça de outro, minha mão toca sua cabeça. O cão tem uma orelha podre, ele me acompanha desde a mocidade” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 145-146).

Associado à metáfora da morte, o cachorro posto em cena em “Doramar ou a Odisseia” é presságio, “um sopro, um cão” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 138), que antecipa a morte de Pito, este que, ferido, como o cachorro, tem sua vida ceifada por treze tiros estando num “camburão de polícia, navio negreiro” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 142).

Com esse entendimento, a voz narrativa, ao incorporar em seu fluxo o tópico do navio negreiro, principal poema de Castro Alves (1847-1871), o reatualiza mediante a figuração do camburão que transportou o corpo de Pito, que, ao ser retirado do compartimento fechado, foi jogado ao chão e fuzilado. O diálogo com o poema, marcado pelo título da lírica que acentua a opressão à qual os escravizados eram submetidos, no caso lançados ao porta-malas do veículo policial, conforme

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

referenciado, pode ser aludido ainda à experiência de servidão, silenciada, abafada, posta à caracterização de Doramar: “O seu trabalho de *servir* a uma família, no chão limpo, nas roupas passadas, na comida feita, na mesa posta, no telefone atendido, no amanhã, no depois do amanhã” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 129, grifo nosso).

Registre-se, por esse ângulo, a ambiguidade da expressão “como se fosse da família” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 147), direcionada pelos padrões de Doramar, quando a apresentam aos seus convidados. A afetividade, ironicamente marcada no conto do autor, promove a reflexão de que, ao se reportar à trabalhadora doméstica com essa expressão – “como se fosse da família” –, considerando o forte traço escravista que marca a história brasileira, a classe dominante tenta atenuar as tensões entre padrões e trabalhadoras, promovendo uma tentativa de cercear a expressão dos sujeitos e consequentemente a retirada ou a negação de seus direitos.

O trabalho serviçal de Doramar, “doméstica cansada de seu trabalho” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 133), acentua o não pertencimento da personagem à família da cidade alta. O ato de servir, vocabularizado como “viver na dependência de alguém”; “ser criado de alguém”, direcionado à personagem, a convergir para uma vida de (auto)privações – a faz refletir, já ao final de sua vida, acerca do marasmo que a caracteriza e a mantém no submundo, no terreno da desvalorização e da submissão: “Senti fome. Continuo a sentir fome” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 147).

Os excertos acima referenciados podem sinalizar a resignação associada ao perfil da personagem de Vieira Junior. Essa resignação, marcada pela sujeição paciente da personagem às contrariedades da vida, aludida à metáfora de um cão com sua orelha putrefata, alcança, em ênfase, as duas frases finais do conto: “Vou tecendo minha cama no chão de lama para descansar da vida. Para poder deitar e dormir” (VIEIRA JUNIOR, 2017, p. 149). O desfecho da narrativa, ao sinalizar a complacência da personagem, realoca-se à realidade de muitas trabalhadoras domésticas que, interditas pela condição

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

e pela realidade social a que pertencem, animalizam-se; isto é, de domésticas, passam a ser domesticadas.

Considerações finais

As narrativas de Clarice Lispector e de Itamar Vieira Junior, lidas assim em paralelo, evidenciam um fazer literário de aceno notadamente social.

Embora produzidos na segunda década dos anos 2000, 2017 e 2020, respectivamente, os textos de Itamar Vieira Junior, infelizmente, espelham as mesmas temáticas indicadas por Clarice Lispector nas décadas de 1960 e de 1970. Ocorrência que indica o cerceio social a que as personagens retratadas nos contos, sobretudo da raça negra, mantêm. Considerando os textos dos ficcionistas como amplificadores de vozes que são silenciadas, essas narrativas, ao darem som aos que são reificados, menosprezados, marginalizados pelo discurso etnocêntrico e classista, retratam, ainda, uma sociedade cristalizada nas relações de poder e de dominação, que promovem, como resultado, a exclusão, o cerceio ou a morte dos que são tidos como minorias ou párias sociais.

Nos quatro textos analisados, corporificam-se personagens à mercê de enquadramentos em diversos níveis de apriorismos. O discurso reificador sinaliza a tentativa do homem branco, colonizador, de afastar a pigmeia africana da espécie humana, e, com esse mesmo posicionamento, aprisiona Jyoti Amge, a menor mulher do mundo viva, na visão estereotipada de um seriado televisivo, a representar um “show de horrores” que distrai os “sonsos essenciais” (LISPECTOR, 1999, p. 126).

Pequena Flor e Jyoti Amge surgem às letras de Clarice e de Itamar, respectivamente, e impelem “a presença perturbadora da diferença” a impulsionar “a crueldade e o lado selvagem do civilizado” (WALDMAN, 2003, p.63). Por fim, a par de

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Mineirinho, reduzido ao “inumano, bruto e desarticulado” (ROSENBAUM, 2010, p. 179), espelhado em Pito, tonificam nas narrativas, alcançando a doméstica e domesticada Doramar, os processos pós-coloniais, descortinando resquícios-acentuados de um país que se apresenta arraigado às pegadas escravistas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017. p.21- 56.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. A teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1970.

GOTLIB, Nádía Battella. Macabéa e as mil pontas de uma estrela. In: *Personae – Grandes personagens da literatura brasileira*. Organização de Benjamin Abdala Junior; Lourenço Dantas Mota. 1. ed. São Paulo: SENAC, 2001.

LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NASCIMENTO, Evando. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

ROSENBAUM, Yudith. Uma estranha descoberta: leitura do conto “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector. *Literatura e Sociedade*, v. 20, n. 20, 2015, 148-156.

ROSENBAUM, Yudith. A ética na literatura: leitura de "Mineirinho", de Clarice Lispector. *Estudos Avançados*, v. 24, n. 69, 2010, 169-182.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SOUSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector: figuras da escrita*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *A oração do carrasco*. 1. ed. Itabuna, BA: Mondrongo, 2017.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Asa negra arrastada pela areia In: *Feliz aniversário, Clarice: contos inspirados em Laços de família*. Organização de Hugo Almeida. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

VOLÓCHINOV, Valentin. (CÍRCULO DE BAKHTIN). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003.